

VALENTIM FAGIM E JOSÉ RAMOM PICHEL · AUTORES DE «O GALEGO É UMA OPORTUNIDADE»

Nom há outra: ser galego tem de ser mundial



PABLO BLANCO

Valentim Fagim e José Ramom Pichel som os autores de *O galego é uma oportunidade*. A tese central do livro, expressa no próprio título, aponta para o entendimento da língua galega como um recurso valioso que precisa de ser ativado neste momento histórico preciso.

Quais som as razões que vos leváram a defender esta ideia?

V: Todos os governos, hoje mais do que nunca, gostam de falar em termos de gestom e de eficácia. Deste ponto de vista, a priori tam neutro e inodoro, estamos certos que a gestom da língua galega na Galiza seria avaliado pola Moody's como C, especulativo.

JR: Estamos acima de um tesouro, umha língua que é nossa (os galegos/as) mas também deles (brasileiros/as, portugueses/as, angolanos/as, etc.). Um tesouro que podemos decidir se é ou nom é mais operativo a nível internacional. E agora que as estatísticas de falantes som muito desalentadoras, é o momento de dar umha viragem à estratégia feita até agora. Temos de apostar por umha via norueguesa com duas estraté-

gias para o nosso idioma, umha estratégia local (a oficial) e umha estratégia local e internacional (a reintegracionista). Ganhamos todos e todas. Entre 2014 e 2016, Brasil vai estar em todos os ecrãs galegos, e provavelmente entrará em espanhol. De nós depende, que entre no seu jeito de falar o galego, conhecido internacionalmente como português.

O vosso trabalho parece dirigir-se a um público-alvo muito amplo, que inclui sectores da população que nom se encontram vinculados espontaneamente ao uso da língua galega ou ao galeguismo. Achais que é possível restaurar um consenso em torno à promoçom do galego como um ativo estratégico?

V: Para além de ser possível ou nom, o certo é que nom há outra hipótese. Só se conseguirmos que a língua galega seja vista como umha riqueza e umha "fortuna histórica" para o grosso da população e esta visom passe a formar parte disso que chamam o "senso comum" é que garantiremos a sua transmissom intergeracional. Enfim, ser galego tem de ser Mundial.

JR: O galego e as suas possibilidades internacionais devem ser

umha fortaleza aproveitável por todos os galegos independentemente das suas conceições de como deve ser o mundo. Cada um, cada umha, pode digerir de um jeito ou outro este alimento, chamado língua.

O livro tem um carácter prático e orientaçom pedagógica. Qual é o intuito desta abordagem?

V: Umha das mudanças do reintegracionismo neste século que vivemos é a vontade de comunicar com os que nom pensam como nós. Este livro segue esse percurso. Nom basta com ter bons argumentos, é preciso argumentar com empatia, colocando-se no lugar do outro. Este é um livro que gostaria de ter quando, com 19 anos, descobrimos que o galego nom era aquilo que me ensinárom no sistema educativo.

JR: Do meu ponto de vista, deime de conta que era preciso mudar a estratégia e portanto o discurso com a língua. A nossa língua, como qualquer língua, é um jeito de ver o mundo, um conhecimento humano que nom nos podemos permitir o luxo de perder. Mas, para além disso, é umha língua com umha enorme potencialidade que nom está a ser aproveitada. Para explicar isto era preciso tentar fazer um livro que se focasse sobretudo na divulgação cara pessoas que nunca

refletiram sobre o nosso idioma.

Uma aposta como a vossa, que visa projetar o valor de um recurso próprio através de um pequeno investimento, poderia ter efeitos muito significativos a ser implementada por instituições públicas, organizações profissionais, empresas, etc. Em que medida e com que instrumentos poderiam ser implementadas, na prática, as teses defendidas neste livro?

V: Como professor de português e membro de Docentes de Português na Galiza, um dos instrumentos fundamentais é o ensino, nomeadamente o secundário. Atualmente, a maioria dos docentes de português no Estado estão na Extremadura porque o seu governo decidiu apostar em serem a ponte entre Portugal e a Espanha. O ensino de Português ou a implementação de conteúdos de português na matéria de galego seria umha das maiores revoluções cognitivas, de formas de ver o mundo, de ver o local, que se poderiam fazer no nossos sistema educativo. A experiência dos ateliês Ops que desenvolve a AGAL assim o evidencia.

JR: Como empresário no campo das TIC, penso que todos estamos em processos de internacionalização, por causa da

crise da dívida em Europa e nos EEUU. É preciso, procurar novos clientes e novos projetos em economias emergentes. O Brasil e a América que se expressa em espanhol vam ser lugares de preferência. Os galegos e galegas somos as únicas pessoas do mundo que temos umha competência nos dous idiomas, polo único facto de sermos galegos. Há que aproveitá-lo.

Quais seriam algumas das objeções que se poderiam levantar à vossa proposta e como lhes responderiam?

V: Só vejo dous grupos que poderiam objetar de raiz a nossa proposta, aqueles que promovem a hegemonia do espanhol reservando um espaço marginal para o galego e aqueles que em nome da quinta-essência galeguista, veem a lusofonia como um perigo para as suas posições. Nom creio que seja possível argumentar com nenhum dos dous, eu centraria-me em comunicar com o resto da sociedade, os 99%. porque esta é umha proposta de "eu ganho, tu ganhas".

JR: Qualquer pessoa galega já é consciente quando viaja ao Brasil ou Angola da nossa vantagem. Agora só temos de realizar ações concretas no ensino (introduzir o português de Portugal ou Brasil dentro das aulas atuais de galego, ou como segunda língua), aumentar o contacto e a interação com o Brasil e Portugal no seu sabor de língua, etc. Em definitivo, assinar a Iniciativa Legislativa Popular "Valentín Paz Andrade", quem já postulava que o futuro do nosso idioma passava por vivê-lo como nosso e como deles.

A realidade social e linguística da Galiza de 2012 está marcada pela urgência e a incerteza. Neste contexto, gostaria de terminar com umha pergunta atrevida: que livro gostariam de poder estar a apresentar no verao de 2022?

V: Um que fale da transformação que implicou para a sociedade galega ser a única do mundo onde as duas maiores línguas românicas, o galego-português e o castelhano, som oficiais e estão na posse de todos os cidadãos e de todas as cidadãs.

JR: Muito boa pergunta. Seria fantástico escrever, indicaria que estaríamos vivos.

Se for assim, gostaria de centrar-me mais em questões relacionadas com a relação entre a tecnologia e jeitinhos diferentes de viver em sociedade, com esquemas parecidos ao funcionamento das comunidades de código aberto.



Apresentaçom:

25 de julho
às 16h30[Galeria das Letras,
Festigal]Já à venda em
www.imperdivel.net

NOVIDADE EDITORIAL · POESIA

adão e evo

Mordida, de Eugénio Outeiro

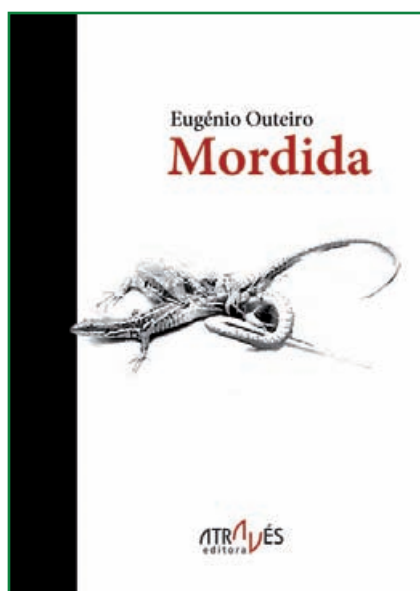
Nado na Ilha de Arousa (Galiza) em 1976, mas já com sete anos levado para Ponte Vedra, Eugénio Outeiro define-se como poeta, budista zen, reintegracionista e professor de português. E no entanto, ainda que essa seja a ordem da sua preferência, talvez o tempo que dedica a cada coisa esteja a pedir uma inversão completa dos termos.

No ano 2002 viu publicado o seu primeiro livro de poemas, *Às Vezes Vida*, da mão da associação cultural Ateneo de Pontevedra. Também participou na obra colectiva *100 poemas – 100 voces* editada pela Deputação de Ponte Vedra no mesmo ano, e é possível encontrar poemas seus em revistas como *Ólisbos*,

AGÁLIA ou *Sítio*, em épocas e idades bem diferentes.

Desde 2003 mantém na rede o blogue pessoal Intra! (<http://intra.agal-gz.org>), antes chamado Monólogos de Extramuros, em que, para além de opi-

niões, desenhos e traduções, começou a publicar alguns poemas da próxima obra em que está a trabalhar, com o nome provisional de *Herança*.



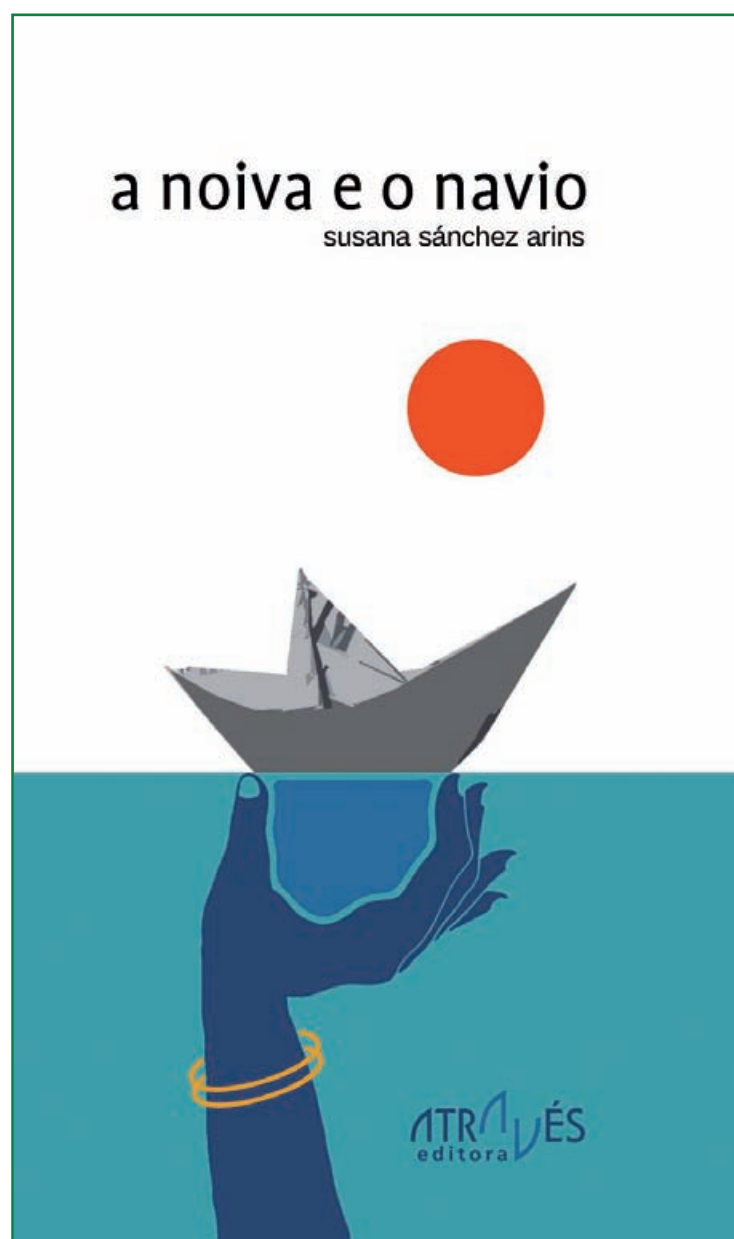
ele olhava para ele
e ele para ele
a arregalar com fome os olhos
que comiam os olhos um do outro
e os lábios um do outro que queriam
o corpo dele
e ele o dele
meter-lhe o dente na orelha lambar
as concavidades dos olhos e chupar os dedos
com os mamilos dele que sonhava
arrancar com a mão o coração dele
e ele o dele
que quase sentia o sabor da carne alheia
tão própria como o sol e o sangue quente
dele a dar-lhe calor e a vida dele
enquanto ele olhava para ele
e ele para ele
vorazmente nos olhos desejando
possuir o rigor do pénis dele
a boca a língua dele e então ele
arrancou um bocado de si e ofereceu-o a ele
e ele aceitou a oferecer-lhe um outro

NOVIDADE EDITORIAL · POESIA

A noiva e o navio,
de Susana Sánchez Arins

surpresa

como um refacho onde menos o
[esperas
na calma do campelo por exemplo
e a dorna escora e balança
agatunhas na outra banda
como rato água no corredor
e balouça
e orças e arribas e soltas escota
e foge e cana e perdes o rumo
e há uma bateia e vês-te no mar
assim abanaches o meu mundo
quase dou quilha arriba.

a noiva e o navio
susana sánchez arins

Susana Arins nasceu em Vila Garcia de Arouça em 1974 mas é estradense de criança.

Licenciou-se em Filologia Hispânica e Portuguesa na USC, dedicando-se na atualidade à docência no ensino secundário.

Em 2008 ganhou o XXI Premio Nacional de Poesía Xosé María Pérez Parallé, com *[de]construção*, editada em Espiral Maior.

São da sua autoria os seguintes blogues:

comopamdaboca.blogspot.com

blogoteca.com/dedocomovermes

NOVIDADE EDITORIAL · ROMANCE JUVENIL

Nântia e a Cabrita d'Ouro, de Concha Rousia

Nântia e a Cabrita d'Ouro é a primeira incursão da ATRAVÉS EDITORA no terreno do romance para o público juvenil, após ter editado já obras para os mais miúdos.

“Os olhos de Ébora furaram a névoa que a separava de Nântia, acabava de ver como a pequena dialogava com a parelha de pássaros; sem mover os lábios ela e as duas rolas se comunicaram. Ébora estava observando a cena com muita atenção; sim, aquele tinha sido um momento longamente aguardado pela sábia, mas afinal ali estava; era a confirmação de que Nântia estava pronta...”.

Será que Nântia, filha de Brigam, o ferreiro, conseguirá recuperar a Cabrita d'Ouro que a poderosa Cerne, a Rainha-Loba, arrebatou ao clã de

Laroá? Parece uma missão impossível para uma jovem de apenas treze anos, mesmo que ela seja a escolhida; terá que atravessar as Terras Proibidas, cruzar o rio do esquecimento, adentrar-se na lagoa de Lim e enfrentar-se à temível Cobra-das-Sete-Cabeças. Mas para além disso, terá que superar as armadilhas da pérfida Cerne, que já submeteu todas as terras e clãs desde as chairas de Lim até os cumios de Croubre, sem que guerreiro nenhum pudesse impedi-lo. Nântia, todavia, contará com a ajuda de Maro, o Cavalo Branco, de Paleug, o lobecão, e Briona, a Espada-que-Vive, e sobretudo, dos seus fiéis acompanhantes, Ila, sua prima, e Brath. Mas antes de tudo isto acontecer, Nântia ainda deverá superar as três provas que mostrarão que ela é a eleita.

A aventura de Nântia, dos seus amigos e inimigos, transporta-nos a um mundo antigo, mas próximo, e a um lugar que é o mesmo que habitamos hoje.

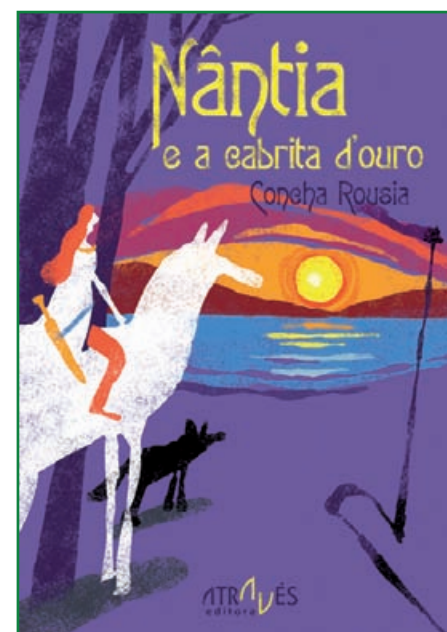
A AUTORA

Concha Rousia nasceu em Covas, na raia, entre Ginzo de Límia e Montalegre. Estudou na Laboral de Vigo e posteriormente nas Universidades de Santiago de Compostela e Maryland.

Entre os seus prémios destaca o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, e o Prémio do Certame Literário Feminista do Condado. É secretária da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa; colaboradora desde 2007 dos Colóquios da Lusofonia. É presi-



dente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza. Na atualidade mora na comarca de Compostela onde exerce como psicoterapeuta. Administra o blogue 'República da Rousia'.



Apresentação:
24 de julho
às 22h

[Galeria das Letras,
Festigal]

Já à venda em
www.imperdivel.net

CARVALHO CALERO ATUAL · ANTOLOGIA

Carvalho Calero atual

Em 1981, o mesmo ano em que a AGAL foi constituída, Ricardo Carvalho Calero publica em Portugal *Problemas da Língua Galega*, o seu primeiro livro redigido com ortografia galego-portuguesa. Nos anos seguintes, até a sua morte em 1990, organizaria outros volumes em que reuniu artigos, estudos, ensaios e conferências sobre essa mesma temática lingüística, como *Da Fala e da Escrita* (1983), *Letras Galegas* (1984) ou *Do Galego e da Galiza* (1990), o último dos quais, *Umha Voz na Galiza*, véu à luz postumamente, em 1992.

Trata-se de títulos fundamentais na conformação e difusão social do reintegracionismo, o movimento de normalização lingüística do Galego, concebido este como a norma nacional ou variante galega da língua internacional galego-portuguesa, e que exercêrom umha indubitável influência nas pessoas que se achegavam a este movimento

ou simplesmente assumiam a unidade lingüística galego-portuguesa durante as duas últimas décadas do século passado.

Essas obras constituem ainda hoje umha referência central do movimento de normalização lingüística, já que em geral as análises, reflexões, críticas e propostas que nelas expõe o autor permanecem plenamente atuais, e por isso freqüentemente continuam aparecendo citações tomadas delas nos diversos âmbitos e formatos em que se desenvolve o movimento normalizador. Mas o seu conhecimento direto por parte das novas gerações vê-se dificultado polo facto de nenhuma delas ter sido reeditada nos últi-

mos vinte anos.

Por esta razão, a Associação Galega da Língua e a sua chancela editorial, Através, querem contribuir à divulgação do pensamento lingüístico e da obra de ensaio de Ricardo Carvalho Calero com esta coletânea na qual contamos com colaboradores destacados por se terem dedicado previamente ao seu estudo e divulgação, os quais fôrom convidados a seleccionar um ou dous textos del e elaborar umha breve introdução a escolha feita.

José Manuel Outeiro
Coordenador Editorial

O conhecimento direto destas obras vê-se dificultado por não terem sido reeditadas

Apresentação:
25 de julho
às 21h15

[Galeria das Letras,
Festigal]

Já à venda em
www.imperdivel.net

